

A (ÁRDUA) TRILHA DA CONQUISTA

POR CAMILA BROGLIATO | ILUSTRAÇÕES DAVI AUGUSTO



“NÃO FOI ALGO QUE SURTIU DE REPENTE, APESAR DE CORRER SER ALGO NATURAL PARA QUALQUER UM. FORAM MUITOS PASSOS NA LINHA DO TEMPO PARA QUE NÓS, MULHERES, CONSEGUÍSSEMOS NOSSO ESPAÇO NA CORRIDA.”
(ELEONORA MENDONÇA)

A liberdade de ser e fazer o que quisermos demorou a chegar. Para isso, muitas mulheres deram duro. Como você leu nas páginas anteriores, o sexo feminino está dominando o quórum das corridas de rua – só são minoria em distâncias mais longas, como a maratona. Pedimos a ajuda de Eleonora Mendonça (a atleta que participou da primeira maratona olímpica, citada nas páginas da matéria “Pelotão Mulherada”) para resgatar as memórias dessa luta pelo direito de correr (e de ser feliz).

1967

1967: UMA MULHER CORRE A MARATONA DE BOSTON COM NÚMERO DE PEITO OFICIAL

Katherine Switzer se inscreve via correios na Maratona de Boston e abrevia seu nome para passar despercebida. Assim, de forma inédita, uma mulher corre com número de peito oficial. No dia da prova, um dos organizadores tenta arrancar o número da atleta, diante de toda a imprensa internacional que cobria a prova. Kath termina a prova em 4h20min e se torna um ícone da luta da mulher para poder correr.

1972

1972: COMEÇA O LOBBY PELAS MULHERES NA CORRIDA

É criado o Comitê Internacional de Corrida, formado por atletas, médicos, especialistas e pessoas das mais diversas áreas, que iniciam o lobby para que mulheres possam participar de eventos de longa distância. É esse comitê que pressiona o COI e processa a Federação Internacional de Atletismo até conseguir a liberação da maratona olímpica feminina em 1984.



1982: A CONSOLIDAÇÃO DA MULHER NO ESPORTE

As mulheres já participam de provas oficiais, mas não querem ser tratadas de forma diferente. Na Maratona de Nova York de 1982, as seis inscritas se sentam para aguardar a largada masculina em protesto à tentativa da organização de marcar o início da prova feminina para 10 minutos antes da dos homens. A primeira Olimpíada com mulheres na maratona só viria a acontecer dois anos depois, em Los Angeles.

1975

1982

1975: A PRIMEIRA SÃO SILVESTRE PARA AS MULHERES

A ONU oficializa o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher para relembrar as lutas sociais, políticas e econômicas das mulheres. Seguindo a tendência mundial, a São Silvestre, única corrida popular do Brasil à época, cria a categoria feminina e ajuda a aumentar o interesse das mulheres pela corrida.

FAZENDO HISTÓRIA

1976: A Avon, marca de cosméticos, entra com força no lobby pela participação das mulheres no esporte com a contratação de Katherine Switzer para liderar o Programa Internacional de Corrida Feminina. O programa, que durou até 1996, foi responsável por criar o primeiro circuito de corridas de rua do mundo para mulheres.

No Brasil, Eleonora Mendonça participa da São Silvestre a convite da organização e percebe o potencial do País para o esporte. Com o apoio da Avon, ela cria uma empresa e dois anos depois realiza o primeiro circuito de corrida de rua do Brasil, em Copacabana, com a participação de 500 atletas. É a centelha para o *boom* de corridas nacional.

1977: Três corredoras, incomodadas em correr sem uma vestimenta adequada para proteger os seios, resolvem agir. Lisa Lindahl, Polly Smith e Hinda Schreiber desenvolvem um top especial para corrida, juntando dois suportes genitais atléticos (usados para proteger o pênis e os testículos de atletas). Nasce o Jogbras, uma alusão ao nome original, Jockstrap, o primeiro top de corrida da história.

1980: O American College of Sports Medicine divulga uma declaração em apoio à criação da maratona olímpica feminina. Nele, a entidade afirma: "Não existe nenhuma evidência científica ou médica conclusiva de que a corrida de longa distância é contraindicada para uma atleta saudável e treinada".

1984: É realizada a primeira maratona feminina da história das Olimpíadas, em Los Angeles, EUA. Ao todo, 50 mulheres de 28 países participam. A americana Joan Benoit Samuelson ganha a medalha de ouro, com 2h24min52s. É dessa maratona uma das imagens olímpicas mais marcantes: a suíça Gabriele Andersen cruzando a linha de chegada cambaleante, depois de 2h48min42s. Eleonora Mendonça é a última a cruzar a linha de chegada e é saudada pelos espectadores.

2002: Depois de cinco anos da publicação de um estudo afirmando que mulheres ultramaratonistas teriam mais resistência à fadiga do que homens igualmente treinados, Pam Reed, atleta americana, vence a categoria geral da Badwater, uma das mais difíceis corridas do mundo. Ela repete o feito na prova de 217 km pelo Vale da Morte, na Califórnia, no ano seguinte.